

## Ideologia de gênero: afinal, do que estão falando e do que nós deveríamos falar?



**Por Mariana Mazzini Marcondes\***

Em 06 de outubro de 2019  
houve eleições para os Conselhos Tutelares nos municípios brasileiros. E ELA  
esteve em pauta. O combate a ELA era uma das  
[principais bandeiras de algumas candidaturas conservadoras](#).

Em 03 de setembro de 2019  
o governador do Estado de São Paulo, João Dória, mandou [recolher  
apostilas escolares da rede estadual](#). Segundo ele, o material  
tinha apologia a ELA. Na mesma data, o presidente do Brasil, Jair Bolsonaro,  
informou ter solicitado ao Ministério da Educação (MEC) a elaboração de um  
projeto de lei que proíba ELA. Em seu [discurso  
de posse](#), dia 1º de janeiro de 2019, Bolsonaro já havia  
destacado que o combate a ELA seria uma das suas principais missões à frente da  
Presidência da República.

Esses são alguns dos  
exemplos mais recentes da presença d'ELA no debate político brasileiro. Ela, a  
ideologia de gênero.

Mas, de onde ela surgiu?  
E o que significa? Por que, afinal, ela é tão central no debate político atual?  
Essas são algumas das muitas perguntas que a ideologia de gênero suscita. As  
respostas são igualmente múltiplas. E parece-nos fundamental que o campo  
progressista e comprometido com a democracia e com a igualdade formule a sua.

Para isso, contudo,  
precisamos começar situando onde tudo começou.

### **Ideologia de gênero: traçando**

## suas origens

[Richard Miskolci e Maximiliano Campana](#)

constroem uma genealogia da ideologia de gênero na América Latina e no Brasil. Percorremos o itinerário proposto pelos autores nos próximos parágrafos.

As bases de uma batalha santa contra a ideologia de gênero foram lançadas por Joseph Ratzinger (posteriormente Papa Bento XVI), em um esforço de se contrapor à 4ª [Conferência Mundial da Mulher](#) da Organização das Nações Unidas (ONU), realizada em Beijing, em 1995.

Essas ideias se disseminaram e aterrissaram na América Latina no contexto da [V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe](#), de 2007. O Documento de Aparecida, resultante do encontro, identifica na ideologia de gênero um mecanismo que enfraquece e menospreza a vida familiar.



Crédito da imagem: **Aos Fatos**

Buscando  
aprofundar teoricamente o que a Igreja Católica vinha sinalizando como uma

cruzada contemporânea, o argentino [Jorge Scala](#) publicou, em 2010, o livro *A ideologia de gênero: o neototalitarismo e a morte da família*. No livro, cuja tradução para o português conta com prefácio do jurista conservador Ives Gandra da Silva Martins, o autor identifica na ideologia de gênero uma ferramenta de poder de caráter global que ataca a família e sustenta uma nova forma de autoritarismo.

Ainda que a emergência da noção de ideologia de gênero seja tributária às frações conservadoras da Igreja Católica, também setores das Igrejas Evangélicas passaram a pautar o debate, especialmente por meio das organizações neopentecostais.

No Brasil, foi no campo educacional que a batalha em torno da ideologia de gênero ganhou materialidade. Tornaram esse terreno fértil iniciativas como o [Escola sem Partido](#), criada em 2004, para enfrentar supostas doutrinações ideológicas nas escolas. Foi, contudo, como uma resposta ao “[Escola sem Homofobia](#)”

que a ideologia de gênero se tornou uma efetiva arma discursiva na mão de grupos conservadores. O projeto se propunha a contribuir com o enfrentamento à homofobia no ambiente escolar, por meio de materiais educativos que orientassem a valorização da diversidade sexual nas escolas. Apelidado de Kit Gay pela Bancada Evangélica, as pressões levaram o [Governo Dilma a abandonar o material](#).

Era uma primeira vitória dos defensores da guerra santa contra a ideologia de gênero.

Outras vieram.

Talvez a mais emblemática delas tenha sido a [retirada do termo “gênero”](#)

dos Planos Nacionais, Estaduais e Municipais da Educação por todo o país, nos anos de 2014 e 2015. Até mesmo a passagem de um ícone dos estudos feministas esteve na mira da disputa. Em 2017, a palestra da estadunidense [Judith Butler](#) congregou grupos que se manifestaram contra e a favor da autora, em sua passagem por São Paulo.

Assim, em menos de 20 anos desde as suas primeiras formulações, a ideologia de gênero tornou-se um tema obrigatório no debate sobre políticas públicas no país e na América Latina. Mas, afinal, o que é ideologia de gênero?

## **Ideologia de gênero: com a palavra, os criadores**

Uma definição de ideologia de gênero pode ser encontrada no Documento de Aparecida, mencionado anteriormente. Em seus termos, ela significa a possibilidade de “[escolher sua orientação sexual, sem levar em consideração as diferenças dadas pela natureza humana](#)”.

Textos e vídeos disseminados pela internet, e vinculados a grupos conservadores das Igrejas Católicas e Evangélicas afirmam que, por meio da ideologia de gênero, busca-se ensinar nas escolas que [não existe sexo, que não é algo natural](#), mas que cada um [escolhe o seu](#), o que coloca em risco [o casamento, a família](#), ou pode ser [associado à pedofilia](#).

Para entender melhor essa discussão parece-nos útil irmos por parte. Começemos pelo conceito de ideologia.

## **Ideologia: um pouco de teoria**

O conceito de ideologia é tão difundido quanto permeado por indefinições e até mesmo estigmas. [Terry Eagleton](#) identifica, em seu livro sobre o tema, pelo menos 16 possíveis definições para o termo.

Talvez uma das formas mais recorrentes de definir ideologia seja o que podemos denominar de [sentido negativo ou estrito](#). Nela, a ideologia seria uma distorção ou falseamento da realidade, para atender interesses e relações de dominação. Trata-se de uma formulação bastante utilizada por reflexões marxistas e que, curiosamente, não é distante da adotada pelos criadores do conceito de ideologia de gênero.

Em um dos textos disseminados pela [Canção Nova](#),

uma das principais organizações a difundir o combate sobre ideologia de gênero no Brasil, ideologia é identificada como um conjunto de ideias falsas (mas que também podem ser verdadeiras), a serviço de interesses políticos, religiosos, econômicos e até mesmo sexuais.

As ideologias estabelecem e legitimam relações de dominação por um conjunto de mecanismos, a exemplo da naturalização, universalização e opacidade. Em resumo, isso significa que essas ideias são apresentadas como naturais do ser humano e válidas universalmente, passando a se confundir com o senso comum, em uma dinâmica que os interesses em jogos se tornam opacos, como se eles não estivessem lá.

É possível, ainda, a adoção de uma [concepção ampliada](#) de ideologia. Nesse caso, ela corresponderia às formas que os sentidos são utilizados para estabelecer e legitimar relações de dominação e de opressão, mas também para questionar, desafiar e transformar essas relações. Ou seja, elas seriam mobilizadas para construir projetos alternativos de sociedade.

# a terra é redonda

Em breve, retomamos alguns desses pontos. Antes, contudo, precisamos tecer alguns comentários sobre a outra palavra chave dessa discussão.



## **Gênero: um pouco de teoria**

Gênero é um conceito central para [estudos de gênero e práticas feministas](#). Ele pode ser compreendido como um [elemento que constitui relações sociais](#), com base em diferenças que são percebidas e construídas socialmente em relação ao sexo. Se o sexo é

natural ([e até mesmo isso pode ser questionado](#)), o gênero é social e histórico.

Em outras palavras, não é a anatomia biológica que define a cor da sua roupa, se você brinca de boneca ou de carrinho, se faz ou deixa de fazer serviço doméstico e se tem prazer com homens e/ou com mulheres (ou com ninguém). Mais do que isso, não define nem mesmo como você se identifica em relação ao gênero (uma mulher ou homem trans não se identifica com o gênero que a sociedade tenta impor a seu corpo, por exemplo). Com base nas ideias de [Butler](#), que esteve na mira dos grupos conservadores em sua passagem pelo Brasil, não existe uma relação automática entre sexo, gênero e desejo.

O gênero, como experimentamos em nossa sociedade, é permeado por relações de poder, que resultam em dominação e desigualdades. Não apenas das mulheres, em relação aos homens. Mas também em relação às pessoas LGBTQ+. Além disso, essas relações se articulam a outras formas de produzir desigualdades, como as relações de classe, raça e etnia.

Essa definição incomoda os criadores da ideologia de gênero, em sua guerra santa. Isso porque essa forma de compreender o masculino e o feminino poderia colocar em crise o casamento e a família. E até mesmo a identidade do indivíduo, levando ao [aniquilamento da pessoa e de suas relações de afeto](#).

## **Ideologia (para a desigualdade) de gênero**

O uso de ideologia de gênero, nos termos defendidos por seus criadores, apresenta um interessante exemplo de ideologia para estabelecer e legitimar relações de dominação. Isso porque as relações de poder e de dominação que emergem na dinâmica das desigualdades de gênero são mediadas por ideologias, que estabelecem e legitimam essas desigualdades. É um pouco abstrato?

Quando alguém diz que homens são naturalmente mais violentos e que não conseguem controlar seus impulsos sexuais, há uma naturalização ideológica de uma forma social de experimentar as relações de gênero. O mesmo ocorre quando se relega às mulheres todo o trabalho doméstico e de cuidado, como se as mulheres tivessem na sua essência o chip com as informações de como arrumar uma casa, o que veio faltando no cromossomo masculino. E como essas ideias fazem parte do senso comum do nosso cotidiano (e das piadinhas, filmes e afins), a conexão delas com interesses e privilégios masculinos se tornam opacas, habitando as sombras. Mas, exatamente por isso, se fazendo presente.

Nesses termos, seria possível responder que a ideologia de gênero existe, sim. E ela vem contribuindo,



decisivamente, para a opressão das mulheres. Para que elas sofram violência, recebam piores salários, estejam menos em espaços de poder e de decisão. E, ainda, para que pessoas LGBTQ+ sofram violência, não possam amar livremente e sejam discriminadas nos espaços públicos e privados. E que não falar sobre isso nas escolas apenas agrava esse cenário, incluindo a [pedofilia](#). Afinal, se as crianças não sabem o que é sexo, como elas podem se proteger e denunciar violências sofridas?

## **Ideologia (para a igualdade) de gênero**

Se assumirmos uma compreensão ampliada de ideologia, podemos apresentar também uma segunda resposta. Nesse caso, poderíamos dizer que existe, sim, ideologias que promovem a igualdade de gênero.

Elas não destroem casamentos, mas permitem que eles sejam baseados no consentimento, na autonomia e na igualdade. E que as pessoas possam decidir se querem ou não se casar, o que inclui a população LGBTQ+. Essa ideologia não é contrária às famílias. Ao contrário, defende todas elas, no plural. Um casal de mulheres trans com duas crianças é uma família. Assim como uma mulher que vive só. A igualdade entre mulheres e homens contribuem inclusive para que relações de afeto possam ser mais duradouras e saudáveis.

Por fim, essa ideologia para a igualdade de gênero não coloca em xeque a identidade dos indivíduos, mas respeita e valoriza sua multiplicidade. E, dessa forma, aumenta a potência da ação de ser humano. Trata-se de uma ideologia que pode ser professada, indiscriminadamente, por quem tenha qualquer crença ou religião, e até mesmo por quem não tenha. Essa ideologia de gênero é fundante de um projeto de sociedade que seja baseado na igualdade, na justiça e nos afetos.

**\*Mariana Mazzini Marcondes**, feminista, é professora do Departamento de Administração Pública e Gestão Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)